



## HOMOSSEXUALIDADES MASCULINAS E VESTIMENTA NA HISTÓRIA DO BRASIL: UMA PERIODIZAÇÃO

*Male Homosexualities and Dress in Brazilian History: a Periodization*

Meneses, Emerson Silva; mestrando; Universidade de São Paulo,  
emer.meneses@gmail.com<sup>1</sup>

Jayo, Martin; doutor; Universidade de São Paulo,  
martin.jayo@usp.br<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo discute a relação entre vestuário e homossexualidades masculinas ao longo da história do Brasil, evidenciando diferentes formas pelas quais a moda contribuiu, ao longo do tempo, tanto para a construção como para o silenciamento de identidades homossexuais. Propõe uma periodização, distinguindo quatro momentos característicos dessa relação.

**Palavras chave:** Homossexualidade; masculinidade; vestimenta.

**Abstract:** The paper discusses the link between dress and male homosexualities throughout Brazilian history, highlighting different ways in which fashion has contributed both to the construction and to the silencing of homosexual identities. It proposes a periodization, identifying four representative moments of such relation.

**Keywords:** Homosexuality; masculinity; dress.

### Introdução

O objetivo deste ensaio consiste em discutir a vinculação entre vestuário e homossexualidade masculina ao longo da história do Brasil, evidenciando as diferentes formas pelas quais as vestimentas contribuíram tanto para a construção como para o silenciamento de identidades homossexuais. O trabalho aborda a

---

<sup>1</sup> Bacharel em Administração pelo Centro Universitário FEI, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP.

<sup>2</sup> Doutor em Administração pela EAESP-FGV. Professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP junto aos cursos de graduação e mestrado em Gestão de Políticas Públicas.



evolução do papel dos códigos vestimentares na demonstração e dissimulação da homossexualidade masculina, em uma sociedade que, em diferentes momentos históricos e em diferentes graus, se caracterizou por tolerar ou aceitar a homossexualidade desde que esta se encaixasse em padrões heteronormativos ligados à imagem de um corpo masculino idealizado, subalternizando masculinidades contra-hegemônicas ou dissidentes.

A análise se baseia em fontes bibliográficas e documentais. Com base nelas, distinguimos quatro momentos característicos da relação entre indumentária e homossexualidade masculina no Brasil: (i) as relações entre travestimento e "sodomia" no período colonial e no Brasil Império; (ii) o "homossexual patologizado" do final do século XIX e início do XX, (iii) o "gay aceito" do final do século XX, e (iv) a "nova bicha" do início do século atual.

Estes momentos, que compõem uma proposta de periodização para a relação entre vestuário e homossexualidade masculina no Brasil, correspondem às quatro seções que, juntamente com esta Introdução e as Considerações Finais, definem a estrutura do artigo.

## 1. Travestimento e sodomia na colônia e no império

As primeiras manifestações da relação entre vestuário e homossexualidades no Brasil datam do período colonial. Um dos primeiros registros, que encontramos em Vainfas (2010), é o de "Francisco Manicongo, escravo de um sapateiro na Bahia do século XVI, denunciado por duas vezes [...] por 'usar o ofício de fêmea' nas relações que mantinha com outros negros. Travesti, recusava-se a usar o vestido de homem que lhe dava seu senhor, preferindo trazer um pano cingido com as pontas amarradas por diante" (VAINFAS, 2010, p.218).

Mas é nas artes cênicas que a relação entre moda, travestimento e homossexualidade se manifestará mais intensamente e por maior tempo, nos



primeiros séculos da história do Brasil. Até fins do século XIX, por ser uma atividade extremamente marginal, a cena teatral no país caracterizou-se por ser um território eminentemente masculino, interdito a mulheres – ao menos as de “boa fama”. Mesmo após a chegada da família real portuguesa em 1808, conferindo ao teatro um maior valor sociocultural, a presença de atrizes era escassa e os papéis femininos, com raras exceções, continuaram sendo desempenhados por homens (MENESES e JAYO, 2018). Nesse contexto, o travestimento cênico era uma prática comum, estendendo-se do século XVII ao século XIX (TREVISAN, 2000). O uso de indumentária feminina por atores homens, embora não implicasse necessariamente a homossexualidade destes, podia em muitos casos ser uma chance de se exercer essa homossexualidade em público, ao menos em atividade artística. Trevisan (2000) conta que “consagrada no ambiente teatral, a prática profissional do travestimento ocorria num contexto social nada inocente de disseminação da pederastia, que com certeza lhe adicionava conotações não exclusivamente profissionais (TREVISAN, 2000, p.238).

O médico higienista José Ricardo Pires de Almeida, sobre quem discorreremos mais detalhadamente a seguir, também reportou exemplos de pederastas célebres do século XIX, muitos deles artistas, que faziam uso de indumentária feminina. Entre eles o chapeleiro Traviata, “efeminado ao extremo, sempre mostrando seu rosto bexigoso pintado de branco-pérola e carmim” (TREVISAN, 2000, p.239), e o ator Telles, “uranista provecto” que se cercava de “artistas noviços, aos quais vestia de dama nos espetáculos” (TREVISAN, 2000, p.239). Percebemos com isto que as formas indumentárias há muito tempo têm uma vinculação com a sexualidade, desempenhando, desde o Brasil colonial, um papel na construção e na compreensão de identidades homossexuais.

## 2. Fins do século XIX e início do XX: o homossexual patologizado



Nos séculos XIX e XX, a homossexualidade e as formas vestimentares a ela associadas ingressam na agenda das ciências médicas, passando a ser vistas como transtorno ou patologia. Estudos de caráter científico, como os do médico brasileiro José Ricardo Pires de Almeida (1843-1913), descrevem os modos de ser, comportar-se e também de vestir dos homossexuais.

Em 1872, outro médico, Francisco Ferraz de Macedo (1845-1907), desenvolve um dos primeiros trabalhos que abordam a homossexualidade masculina sob esta nova ótica. Está presente nele o discurso médico que conecta a homossexualidade à doença, mas também a preocupação em relação ao vestuário homossexual. Ferraz de Macedo descreve um padrão de vestuário típico dos homossexuais masculinos:

Assim, não é raro encontrarmos pelas ruas da cidade, especialmente nas portas dos teatros, quando há espetáculo, rapazes de 12 a 20 anos, trajando fina bota de verniz, calça do mais fino tecido unida ao corpo, feita assim expressamente para desenhar-lhe as formas, paletot justo, elegante e curto, fina camisa bordada, tendo para ornato olhos de mosca de brilhante e pendente lencinho de seda de cor (geralmente vermelho ou azul); chapéu alto de castor branco, colocado por cima da frisada e perfumada cabeleira; cavour de custoso pano forrado de seda, pendendo do braço; rica bengala, luneta relógio e corrente de ouro, luvas de pelica e aromático charuto de Havana: eis o que completa o arreamento de um bagaxa dos mais encantadores, dos mais frequentados do Rio de Janeiro” (Ferraz de Macedo, apud GREEN e POLITO, 2004, p.28-29).

Há nessa descrição um claro recorte de classe, sugerindo que o homossexual masculino mais visível do Rio de Janeiro do século XIX tivesse nível socioeconômico condizente com a manutenção de gostos tão refinados. Ao mesmo tempo, o médico estudioso do “homossexualismo” parece entender que essa forma vestimentar seria uma forma de o homossexual buscar parceiros. Interessa-nos, porém, perceber o possível tom político dessas escolhas indumentárias: ao decidir sobre essa maneira no vestir-se para explicitar sua sexualidade em um contexto em que a homossexualidade era vista com enorme censura social e recebia a repressão de órgãos do Estado, essa escolha não estaria calcada apenas na busca de parceiros sexuais, mas também



possivelmente na necessidade de explicitar uma identidade social por meio da moda, além de ser reconhecido para pertencer a um grupo.

Além de médicos, também juristas tentaram caracterizar a homossexualidade a partir dos modos de vestir. Um estudo de Edmur de Aguiar Whitaker, intitulado *O Crime e os Criminosos à Luz da Psiquiatria e da Psicologia* (1942), refere-se à indumentária homossexual, que seria desenhada para facilitar as práticas sexuais. O homossexual típico usava “calça alta, não apresentando abertura anterior e sim lateralmente, simulando bolsos, porém sem fundos”, o que faria supor tratar-se de um recurso para facilitar o acesso ao órgão sexual. De forma análoga, caso se desabotoassem “os suspensórios posteriormente, a parte respectiva da calça cai, deixando as nádegas à mostra” (Whitaker, 1942, *apud* GREEN e POLITO, 2004, p.103).

Finalmente, vale o registro de que a indumentária, neste período, não foi usada apenas para diagnosticar e criminalizar homossexuais, mas também foi pensada como instrumento para auxiliar na “cura”. O já citado médico Pires de Almeida, em seu livro *Homossexualismo* (1906), recomendava que os homossexuais passassem por um tratamento que consistia em “provocar o coito do invertido com mulheres vestidas de homem” (Pires de Almeida, *apud* GREEN e POLITO, 2003, p.106).

### 3. Final do século XX: o “gay aceito”

Se a até meados do século XX a moda reservava para homens e mulheres vestimentas marcadamente distintas, na passagem entre as décadas de 1960 e 1970 as fronteiras entre indumentária feminina e masculina se tornaram menos rígidas. O fenômeno estava ligado à revisão do papel da mulher na sociedade, no contexto da chamada revolução sexual dos anos 1960. É neste contexto que surge na indústria da moda a ideia da moda “unissex”, termo cunhado na França em 1969 e que não tardou a ser trazido ao Brasil. O que se propunha



era um rompimento das barreiras entre os padrões de indumentária masculina e feminina (MENESES e VICENTINI, 2017).

Fora da indústria da moda, a proposta era reforçada pelo *show business*, na figura de artistas internacionais, como David Bowie, e também brasileiros, como Ney Matogrosso, Caetano Veloso e o grupo teatral Dzi Croquettes, entre outros, que cultivaram imagens marcadas pela androginia e pelo desafio às normas tradicionais de gênero na indumentária (MENESES e VICENTINI, 2017, SIMÕES e FACCHINI, 2009).

O fenômeno unissex, no entanto, não foi muito além das revistas de moda e do meio artístico, com limitada influência prática no consumo de moda. Como previra Silva (1970) por ocasião do desembarque da proposta no Brasil, o avanço da moda unissex dependeria do grau de consolidação dos novos comportamentos de gênero na sociedade brasileira, e da reação dos segmentos mais conservadores da sociedade: “Não faltarão cocorocas que pretendam manter seus esquemas mentais bem organizadinhos na base de velhos rótulos” (SILVA, 1970, p. 74). O que se viu foi, justamente, essa manutenção de esquemas: a proposta unissex exerceria pouca influência no mercado de moda, seja entre heterossexuais, seja entre homossexuais.

Entre homossexuais masculinos, o final dos anos 1970 e a década de 1980 marcaram uma tendência oposta: um retorno à valorização da masculinidade, com o surgimento de uma polaridade entre dois tipos homossexuais: de um lado o “bofe”, que Levine (1998) chama de “gay macho”, socialmente mais aceito; de outro a “bicha pintosa”, como a denomina Fry (1982), menos “discreta” e mais discriminada. Os dois tipos fazem, claramente, usos diferentes de indumentária.

Esta dicotomia parece ter surgido no movimento gay norte-americano, em que nos anos 70 os “estilos de indumentária e apresentações corporais passaram a celebrar um culto crescente ao ‘macho’”, valorizando-se a masculinidade estampada imagetivamente na figura de homens de “bigodes, cabelos curtos, músculos definidos” (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p.47). Essa imagem, cultivada

por exemplo no trabalho do desenhista finlandês Tom of Finland (1920-1991) e na estética visual do grupo musical norte-americano Village People (**Figura 1**), valorizava a virilidade e a agressividade como atributos masculinos.

Mas foi a aids, a partir dos anos 1980, o que mais contribuiu para essa valorização da imagem masculina entre homossexuais, a partir de uma “matriz heteronormativa” (BUTLER, 2003). A necessidade de livrar-se do estigma trazido pela epidemia reforça a necessidade de criação de uma imagem vigorosa e hipermasculinizada, para maior aceitação na sociedade. O homossexual valorizado e socialmente bem aceito é aquele que, por meio de uma estudada virilidade, “passa por” heterossexual. À indumentária cabe, em boa parte, o papel de ressaltar os atributos físicos deste homem e disfarçar sua homossexualidade.

Figura 1: *Village People* e a exacerbação da masculinidade



Fonte: Foto divulgação

#### 4. Século XXI: a “nova bicha”



Em paralelo a esse processo, o homossexual efeminado, identificado por seus trejeitos e por suas criativas formas vestimentares, não é socialmente bem aceito ou quisto. Mas o final do século XX – especialmente a década de 1990 – é também a época da “montação”, em que a vida noturna nas grandes cidades proporciona a este homossexual a oportunidade de expressar sua extravagância no modo de vestir, criando “territórios por meio das roupas e da composição da aparência” (MESQUITA, 2015, p.3). No exterior desses territórios, a homossexualidade contra-hegemônica da bicha pintosa tem pouco espaço para se expressar, sujeita que é a punições por meio de violências físicas e simbólicas.

Mas mesmo em tempos de proibições e punições, este homossexual nem sempre aceita se invisibilizar. É o que parece tornar-se claro no início do século XXI, em que vemos, em cada vez maior número, homossexuais contra-hegemônicos orgulhosos de seus traços, modos de vida e escolhas indumentárias. Se a bicha da década de 1980 era marginalizada e a dos anos 90 tinha sua aceitação restrita aos territórios de montagem, surge agora uma bicha nova, orgulhosamente efeminada, que faz questão de desafiar os valores heteronormativos arraigados na sociedade, inclusive entre os gays "machos", ou padrão.

São indivíduos que assumem uma estética frequentemente hostilizada pela sociedade, na medida em que é preterida em relação à imagem padronizada, “discreta” dos gays aceitos. Questionam e desafiam esse padrão, inclusive no que diz respeito ao consumo de moda: muitos passam a utilizar peças de vestimenta femininas, as quais jamais seriam usadas por aqueles homossexuais masculinos padronizados e aceitos socialmente.

Ao depararmos-nos com este sujeito (**Figura 2**), cuja indumentária parece bastante excêntrica, parece cabível interpretá-lo a partir de uma analogia com a figura do dândi. Dândi é um termo historicamente usado para designar o homem (homossexual ou heterossexual) com grande preocupação estética e de gostos por vezes extravagantes – figura que tem no escritor inglês Oscar Wilde sua mais



conhecida expressão. De acordo com Echaverren (2010), o dândi costuma carregar a pecha de excentricidade, causando mal-estar ao desafiar o modo burguês de vestir.

A “nova bicha” do início do século XXI talvez possa ser vista como uma versão atualizada desse dândi tradicional, ao fazer uso de moda e de escolhas vestimentares para carregar em sua figura o oposto do esperado de um homossexual “discreto”, heterocentrado e aceito, e afirmar, não sem certo caráter político, a sua homossexualidade dissidente, contra-hegemônica.

Junto com seus traços de dândi, também parece possível identificar, nas escolhas vestimentares desta nova bicha, uma certa estética *camp*, traduzida em sua predileção pelo exagerado e pelo estranho. O termo *camp* (do inglês, "levantar acampamento" ou "acampar") relaciona-se a uma atitude de estranhamento e de provocação questionadora dos valores tradicionais, como define Susan Sontag em artigo de 1964: “o *camp* é comumente relacionado ao exagero, à afetação, a uma estética especial que ironiza ou ridiculariza o que é dominante” (SONTAG, 1987, p.329). Neste caso, ele ajuda a desafiar os limites de gênero no uso de indumentária e promove questionamentos aos que cercam ou observam a nova bicha. Questionamentos sobre visibilidade e identidades homossexuais, tão importantes em uma sociedade tradicionalmente heteronormativa como a nossa.

Figura 2: O rapper brasileiro Rico Dalasan, um exemplo de masculinidade contra-hegemônica



Fonte: Foto divulgação

## Considerações finais

A discussão empreendida nas seções anteriores, ressaltando quatro momentos representativos da relação entre indumentária e homossexualidade masculina no Brasil, nos fornecem uma periodização – ou um esboço de periodização, a ser refinado em trabalhos futuros – por meio da qual podemos ver as formas pelas quais o vestuário esteve vinculado à expressão da homossexualidade masculina em diferentes períodos da história do Brasil, ora evidenciando, ora dissimulando, identidades homossexuais

Certamente, como em toda periodização, o resultado a que chegamos é uma simplificação da realidade, “cheio de armadilhas, condicionado pela ideologia, prioridades e lugar social de quem periodiza” (JAYO, RODRIGUES e MENDES, 2015, p.643). Ainda assim, pudemos ver como o vestuário: (i) desde o Brasil Colônia já desempenhava um papel na construção e na compreensão de identidades homossexuais; (ii) teve um papel relevante no discurso médico e jurídico do final do século XIX e início do XX, de patologização e criminalização da



homossexualidade; (iii) novamente foi um vetor importante na criação do gay “discreto” e hegemônico enquanto identidade homossexual relativamente bem aceita a partir do final do século XX; e, finalmente, (iv) tem cumprido função central como instrumento de afirmação de identidades homossexuais contra-hegemônicas, identificadas aqui na “nova bicha” do início século XXI com sua estética com componentes de dândi e de *camp*. Esperamos que a análise aqui apresentada possa contribuir em alguma medida para discussões acerca da história do vestuário no Brasil sob a perspectiva do gênero e da sexualidade.

## Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ECHAVARREN, Roberto. **Arte andrógino: estilo vs moda**. Montevideo: Casa Editorial HUM, 2010.

FRY, Peter. **Para Inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870 – 1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

JAYO, Martin; RODRIGUES, Andrea Leite; MENDES, Silma Ramos Coimbra. De oprimido a bon vivant: trajetória do administrador brasileiro segundo a publicidade. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v.15 n.34, set-dez 2015, p. 617-645.

LEVINE, Martin P. **Gay Macho: The life and death of the homosexual clone**. New York: New York University Press, 1998.

MENESES, Emerson Silva; JAYO, Martin. Presença travesti e mediação sociocultural nos palcos brasileiros: uma periodização histórica. **Extraprensa**, São Paulo, 2018, no prelo.

MENESES, Emerson Silva; Vicentini, Claudia Regina Garcia. Do unissex ao ‘para todos’: identidades de gênero e uso político da moda. In: **Anais do 13º Colóquio de Moda**, Bauru, 2017.





MESQUISTA, Cristiane. O cuidado de si: conexões entre design de moda, processos de subjetivação e arte contemporânea. In: **Anais do 11º Colóquio de Moda**, Curitiba, 2015.

MOTT, Luiz. Pré-história da homossexualidade em São Paulo: 1532-1895. **Dialogus**, Ribeirão Preto, v.4, n.1, 2008.

SILVA, Carmen. O sexo único. **Realidade**, São Paulo, ano 5 n.49, abril de 1970, p.72-77.

SIMÕES, Júlio Assis & FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SONTAG, Susan. Notas sobre o Camp. In: **Contra a interpretação**. Porto Alegre: LPM, 1987, p. 318-337.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.